

O MUTANTE VALOR DA AMBIÇÃO



A riqueza de metais encontrada pelos aventureiros da América mudou radicalmente algumas das principais crenças centrais da sociedade européia. Antes da descoberta dessa fortuna, as sociedades do mundo feudal consideravam-se grupos construídos com parâmetros eternos: no dia do nascimento de uma pessoa, inscrevia-se para ela todo o percurso de sua trajetória no grupo social. Se nada de errado ocorresse, ao morrer ela estaria na

mesma posição social de seus pais. Mais que uma realidade empírica, a permanência, a imutabilidade de posições, era um ideal: lé com lé, cré com cré. O passar do tempo servia apenas para provar a veracidade da afirmação de que os homens eram muito desiguais entre si, cada geração



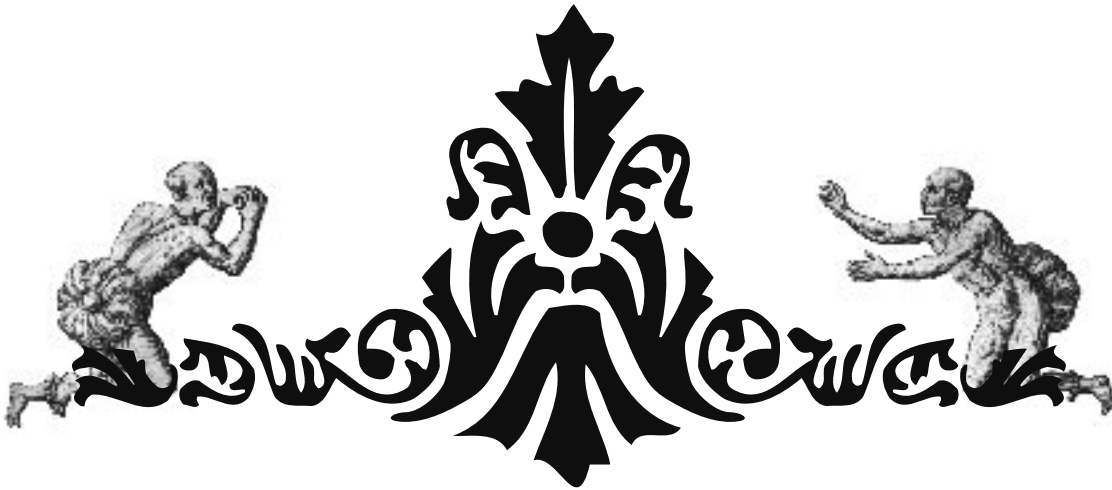
passando a seus descendentes o mesmo devido lugar social, de acordo com sua herança. Imutável, portanto, era a hierarquia. No topo da sociedade, havia o rei; abaixo dele, nobres e clérigos; no ponto mais baixo, a ralé; portanto, grupos cujas qualidades intrínsecas diferiam entre si, e por isso deveriam seguir caminhos paralelos, jamais se tocando ou trocando de lugar ao longo da vida.

Essa crença milenar foi posta em xeque quando aventureiros começaram a trazer ouro e prata em quantidades prodigiosas, provindos do novo continente. A partir de então, mesmo o mais miserável dos homens passou a ter a possibilidade de tratar com um rei, quando a ambição pela riqueza, ou meramente bons indícios dela, tornou-se o elemento comum entre quem estava no topo e na base da hierarquia social, capaz de produzir trânsito entre diversas classes e de construir a linguagem comum da ambição. E foi tal a ambição pelos metais que mesmo reis de alta prosápia passaram a procurar pessoas de má catadura, adulando-as, prometendo-lhes títulos de nobreza e bons tratos, enfim, um lugar na sociedade bem mais nobre do que o de seu nascimento. Até mesmo estrangeiros podiam receber essas graças, desde que, em troca, voluntariassem notícias de riquezas realmente majestosas.

Não que isso fosse fácil. Para chegar a ter um rei a seus pés, um homem da ralé deveria apresentar uma história de tesouros capaz de impressionar o ouvinte coroado, eventualmente coberto de ouro da coroa aos sapatos.

Gonçalo da Costa, Melchior Ramires e Henrique Montes tinham em seu poder tais histórias. Eram tão boas, aliás, que, em 1530, eles seriam disputados pelos reis de Portugal e Espanha, quando estes monarcas eram simplesmente os donos de todo o Novo Mundo. Até chegar o agradável dia em que os soberanos concorreriam por eles, haviam passado por um processo de profunda mudança de posição social, que levou quinze anos de suas vidas. O trio deixara a Europa no dia 8 de outubro de 1515, na mais baixa hierarquia de uma excursão naval, ou seja, como simples marujos, a bordo de uma expedição comandada pelo português João Dias de Sólis, piloto-mor (ou seja, o primeiro de todos os pilotos do reino) de Castela .





Cruzar oceanos em caravelas era algo tão arriscado que mesmo os comandantes das expedições eram recrutados entre pessoas de nobreza duvidosa. Sólis, por exemplo, ganhou o alto cargo apesar de ter assassinado sua mulher e, não obstante, do infame apelido de Bofes de Bagaço, numa referência a seu hálito de bebedor contumaz.¹ Mas havia motivos para que se recorresse a pessoas como ele. A rusticidade de modos do comandante parecia até conspícua se comparada ao destino de sua expedição.

¹ Bueno, 1998, p. 121 e ss.

Depois de atravessar o Atlântico, ele alcançou a boca de um larguíssimo rio, e tocou a navegar terra adentro. Lá por fevereiro de 1516, “num desembarque na margem esquerda do rio Uruguai, [Sólis] caiu em mãos dos índios, que o mataram com seus acompanhantes, e em seguida comeram-nos à vista dos que ficaram nos barcos”.²

² Busaniche, 1984, p. 14.

Os três marujos estavam entre os espectadores da deglutição do comandante de maus bofes. Prudentes, resolveram deixar de lado as aventuras e voltar para casa. Uma decisão sábia, mas nem por isso isenta de acidentes. A nau onde viajavam teve problemas com o leme, e acabou afundando no sul da ilha de Santa Catarina. Ao todo, entre onze e dezoito homens se salvaram. No lugar de se transformarem em repasto, acabaram sendo bem recebidos pelos guaranis e descobrindo que havia possibilidades de recepção radicalmente diferentes, conforme os humores dos habitantes locais. A lição seguinte não foi tão alvissareira: aquelas terras eram freqüentadas pelos portugueses, alguns deles tão



rudes quanto seu antigo capitão. Um lote de sete sobreviventes espanhóis foi aprisionado e levado a Santa Catarina, no final de 1516, pelo português Cristóvão Jaques.

Apenas esses eventos já dariam por si só uma grande história, mas não exatamente uma história para se narrar a um rei. Um assunto realmente palpitante começou a surgir no momento em que os naufragos encontraram mulheres. Na condição de moradores, casados com as índias do lugar, eles começaram a reunir um cabedal de notícias sobre o ponto do continente onde se encontravam, cabedal este que logo se tornou maior que o de qualquer outro europeu. Além daquilo que os olhos testemunharam, juntaram as narrativas de membros de etnias muito diferentes: charruas do Prata, timbus do Paraná e guaranis de Santa Catarina. Finalmente, ao filtrar essas narrativas, terminaram aceitando uma hipótese: a existência de um império no oeste do continente, muito rico em prata.

Claro que informações concretas sobre o assunto não chegavam com a limpidez de sua forma hipotética. A simbologia religiosa tupi-guarani indicava o Oeste como o ponto de morada dos deuses, o lugar radioso onde os guerreiros viviam sua imortalidade e, sendo assim, não havia certeza sobre a existência de outras riquezas além das espirituais.

Diante disso, um dos naufragos, o português Aleixo Garcia, resolveu fazer ele mesmo aquilo que muitos navegantes tentavam: atravessar terras, enfrentar perigos e receber seu prêmio em metal. Convenceu uns poucos europeus, entre eles o mulato Francisco Pacheco, da viabilidade da aventura. E conseguiu o principal: alistar dois mil índios parentes de suas mulheres numa excursão para as terras do Rei Branco, epíteto pelo qual a mitologia indígena indentificava o soberano inca.

O grupo seguiu os rios Iguazu e Paraguai, atravessou o Chaco e se internou nos Andes. Aí começou a enfrentar os nativos em seguidas batalhas, até ser devolvido ao rio Paraguai. Neste ponto, Aleixo Garcia foi morto. Francisco Pacheco, no entanto, conseguiu fugir e levar consigo



uma parte da prata que juntaram pelo caminho, a prova que faltava para tornar críveis as histórias de riqueza capazes de colocar um reles marujo diante de um rei.

Prova material e poder narrativo acabaram concentrando-se nas mãos dos três náufragos Gonçalo, Melchior e Henrique. Sem nunca terem ido muito além de Santa Catarina, os três tornaram-se os donos de um tesouro. O primeiro europeu a avaliar a combinação de uma bela narrativa com a exibição de umas tantas peças de prata foi outro piloto-mor de Castela. Corria o ano de 1526 quando Sebastião Caboto, então comandando uma esquadra com destino a Málaca, na Malásia, fez escala em Santa Catarina e encontrou os três náufragos. O relato da expedição, acompanhado das reluzentes provas metálicas, produziu efeitos no experiente almirante. Ao final da conversa, ele já esquecera até mesmo as ordens escritas que trazia, assinadas pessoalmente pelo rei, e decidira seguir o relato oral da prata.

Henrique Montes e Melchior Ramires foram contratados para embarcar na nova expedição como oficiais, reconectando-se à sociedade européia numa posição social superior àquela de quando haviam partido. E lá se foram, guiando todo o grupo. Depois de navegarem até a foz do Prata, embrenharam-se no rio Paraná, subindo-o para além da foz do rio Paraguai, até colherem a informação de que o caminho correto para o oeste era pelo rio Paraguai, que haviam deixado para trás. Enquanto voltavam para tomar o novo caminho, encontraram os bergantins de outro espanhol que subia o rio, também desviado do caminho da Ásia. O inusitado encontro foi possível porque o comandante de outra expedição espanhola, Diego Garcia, fizera escala em Cananéia, onde viviam os dois outros personagens que conheciam a história: Gonçalo da Costa e o sobrevivente Francisco Pacheco. Ali, o ritual se repetiu quase sem modificações. Depois de contarem o que sabiam e mostrarem as provas, os dois também acabaram contratados como oficiais, para guiar todos continente adentro. Após muitas rusgas, os dois grupos partilharam a exploração dos rios, mas ninguém achou o caminho para o império do Rei Branco.

